

**Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)**

# **História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado**

**Atena**  
Editora

Ano 2020



**Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)**

# **História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado**

**Atena**  
Editora

Ano 2020



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
H673	<p>História e as práticas de presentificação e representação do passado [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.            Modo de acesso: World Wide Web.            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-075-9            DOI 10.22533/at.ed.759202805</p> <p>1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores.            I. Guilherme, Willian Douglas.</p> <p style="text-align: right;">CDD 907.2</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O e-book “História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado” reuni 16 artigos entorno de um debate atualizado e propositivo sobre práticas e história. As pesquisas foram organizadas em 4 grupos conforme interesse da obra.

No primeiro grupo, temos três textos que discutem a presentificação e representação do passado do ponto de vista de território, trazendo um diálogo crítico e convidativo ao debate.

Para o segundo grupo, foram selecionados cinco artigos que dialogassem em torno da religião, trazendo ações históricas que permaneceram presentes nos tempos atuais. Polêmicas ou não, as pesquisas contribuem com a quebra de preconceitos e propõem novos olhares.

No terceiro conjunto, agrupei cinco pesquisas que apresentassem um debate relevante para o contexto histórico proposto por esta obra, que é a presentificação e representação do passado. As pesquisas permeiam o século XIX, XX e XXI.

Para o quarto grupo, são três artigos voltados para a discussão histórica por meio da educação. As pesquisas convidam ao olhar dialógico e levam o debate para além da leitura.

Desejo boa leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

### I.

#### **CAPÍTULO 1 ..... 1**

A COMUNIDADE DE CERRO PELADO, FRONTEIRA E HISTÓRIA AGRÁRIA

[José Carlos Sampayo Ferreira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028051**

#### **CAPÍTULO 2 ..... 13**

A GUERRA DE (RE)CONQUISTA SOBRE O CAMPO MEXICANO E A RESISTÊNCIA TERRITORIAL ZAPATISTA

[Rodrigo de Moraes Guerra](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028052**

#### **CAPÍTULO 3 ..... 22**

ALDEADOS DE PIRATININGA – INDÍGENAS ADMINISTRADOS DE SÃO PAULO COLONIAL (SÉCULOS XVI - XVII)

[Antonio Martins Ramos](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028053**

### II.

#### **CAPÍTULO 4 ..... 33**

ANALOGIA DO SÁBADO

[Cleonaldo Pereira Cidade](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028054**

#### **CAPÍTULO 5 ..... 45**

CONTRIBUIÇÕES DE KOSELLECK, RÜSEN E FREIRE PARA O PROFESSOR DE HISTÓRIA QUE ATUE NO ENSINO RELIGIOSO.

[Marcelo Noriega Pires](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028055**

#### **CAPÍTULO 6 ..... 57**

O CAMPO RELIGIOSO “BRASILEIRO” NA OBRA MACHADIANA

[Valdeci Rezende Borges](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028056**

#### **CAPÍTULO 7 ..... 70**

ORIXÁ E NATUREZA: O CANDOMBLÉ NA PERSPECTIVA DECOLONIAL

[Victor Hugo Basilio Nunes](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028057**

#### **CAPÍTULO 8 ..... 86**

O ESPAÇO DE TERREIRO COMO ESPAÇO EDUCATIVO

[Patrícia da Silva Pereira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028058**

### III.

#### **CAPÍTULO 9 ..... 98**

O “LIVRO DE ENTRADA DE IRMÃOS DA IRMANDADE DE N. SRA. DO ROZARIO DOS PRETOS DA FREGUESIA DA CAXOEIRA” – RS, SÉC. XIX

[Henrique Melati Pacheco](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028059**

#### **CAPÍTULO 10 ..... 113**

NETTO ENCONTRA SUA ALMA! UM CAUDILHO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL NA HISTÓRIA E NA LITERATURA (C.1836-C.1866)

[Cesar Augusto Barcellos Guazzelli](#)

**DOI 10.22533/at.ed.75920280510**

#### **CAPÍTULO 11 ..... 124**

O PODER BÉLICO DAS PALAVRAS: O DISCURSO VENCEDOR DOS REPUBLICANOS LIBERAIS NA QUEDA DA MONARQUIA NO BRASIL (1870-1891)

[Daiane Lopes Elias](#)

**DOI 10.22533/at.ed.75920280511**

#### **CAPÍTULO 12 ..... 136**

PARA ALÉM DA INVENÇÃO: UMA CRÍTICA AO CONCEITO HOBBSBAWMIANO DE TRADIÇÃO

[Ivan Rodrigo Trevisan](#)

**DOI 10.22533/at.ed.75920280512**

#### **CAPÍTULO 13 ..... 146**

FUTEBOL DE BOTÃO / MESA – PASSADO, PRESENTE E FUTURO NA PERCEPÇÃO DO BOTONISTA

[Ary Luiz de Oliveira Peter Filho](#)

**DOI 10.22533/at.ed.75920280513**

### IV.

#### **CAPÍTULO 14 ..... 165**

PROJETO DE LEITURA E ESCRITA: FÁBULAS POTIGUARA

[Juracy Dayse Delfino Soares](#)

**DOI 10.22533/at.ed.75920280514**

#### **CAPÍTULO 15 ..... 174**

PROTAGONISMO POLÍTICO JUVENIL E NARRATIVAS DE HISTÓRIA: PERSPECTIVAS DA APRENDIZAGEM HISTÓRICA PELA *BURDENING HISTORY*

[Jéssica Christina de Moura](#)

**DOI 10.22533/at.ed.75920280515**

#### **CAPÍTULO 16 ..... 189**

PERCEPÇÃO SOCIOCULTURAL DO SÉCULO XIX ATRAVÉS DA ANÁLISE DO VESTUÁRIO DE ÉPOCA

[Lilian Patricia Soares Filocreão](#)

**DOI 10.22533/at.ed.75920280516**

#### **SOBRE O ORGANIZADOR..... 201**

#### **ÍNDICE REMISSIVO ..... 202**

## A COMUNIDADE DE CERRO PELADO, FRONTEIRA E HISTÓRIA AGRÁRIA

*Data de aceite: 12/05/2020*

*Data de submissão: 05/02/2020*

**José Carlos Sampayo Ferreira**

Colegio Santa Teresa de Jesús

Rivera- Uruguay

**RESUMO:** A Comunidade de Cerro Pelado está localizada na área rural de Rivera, precisamente na fronteira entre Rivera e Livramento, a 75 quilômetros da capital do departamento, na estrada nacional nº 27 Mario Heber. É o resultado do velho Povo Segarra, datado das últimas décadas do século XIX, no departamento de Rivera, onde havia impulsos de famílias imigrantes, principalmente Berruti da Itália, apostando no crescimento da cidade. O mesmo com sua proximidade com a fronteira, em particular as boas pastagens e o manejo de ovinos, cresceu rapidamente com um grande componente comunitário entre os habitantes da região. No início do século XX, a cidade será chamada de Cerro Pelado, devido à sua condição geográfica, dedicada a atividades agrícolas, como a venda de lã, carne, leite e alguns produtos agrícolas. Ao longo da história da cidade, há uma forte conexão com a igreja

católica e grandes líderes que permanecem na memória dos habitantes. Atualmente, a cidade possui aproximadamente 200 habitantes, com água, luz, telefone, educação, rádio, entre outros. A incorporação desses serviços permitiu a permanência da população no meio rural, apesar do êxodo sofrido pelas comunidades rurais com a implementação da tecnologia.

### THE COMMUNITY OF CERRO PELADO, FRONTIER AND AGRICULTURAL HISTORY

**ABSTRACT:** The Community of Cerro Pelado is located in the rural area of Rivera, precisely at the Rivera-Livramento border, 75 kilometers from the departmental capital on national route No. 27 Mario Heber. It is the result of the old Segarra people dating from the last decades of the nineteenth century in the department of Rivera, where there, impulses from immigrant families, mainly Berruti from Italy, were betting on the growth of the town. The same with its proximity to the border, good pastures and sheep management in particular, grew rapidly with a large community component among the inhabitants of the area. At the beginning of the 20th century, the town will be called Cerro Pelado due to its geographical condition, dedicated to agricultural activities such as the sale of wool,

meat, milk and some agricultural products. Throughout the history of the town there is a strong connection with the Catholic church and great leaders who remain in the memory of the inhabitants. Currently the town has approximately 200 inhabitants, with water, electricity, telephone, education, radio, among others. The incorporation of these services allowed the permanence of the population in the rural environment despite the exodus suffered by rural communities with the implementation of technology.

## ORÍGENES

Al ponerle punto final a la Guerra Grande, en el año 1851, en lo que tiene relación con el círculo político, se consolida la independencia nacional y desde un punto de vista económico, la cruel destrucción de la existencia de ganado y la brutal caída de la industria saladeril ,llevó a una reconstrucción de la vida del país. “Existió un retroceso hacia formas de explotación primitivas que proporcionan una clara imagen de cómo era la República antes del proceso de la modernización” (Barran y Nahum, 1973. p.8)

Como bien se conoce y lo menciona Barrán y Nahum (1973) la base de nuestra economía derivaba por completo de la ganadería, lo que será fundamental para la entrada del Uruguay en el mercado internacional. Los países latinoamericanos se destacaron por su monoproducción, principalmente por el modelo agroexportador. “Ese nuevo pacto transforma a Latinoamérica en productora de materia prima para los centros de la nueva economía industrial, a la vez que de artículos de consumo alimentario en las áreas metropolitanas” (Halperin Donghi, 2005, p. 216).

En pleno siglo XIX se produce inmigración masiva en Argentina, Uruguay, Brasil central y meridional. A la zona platense arribaron grandes cantidades de vascos e italianos, entre otros, caracterizados por su hábil manejo agropecuario, que se instalarán en el litoral Uruguayo. Los mismos, se ubicarán en tierras norteñas uruguayas, donde formarán sus familias, desatacándose los apellidos Berruti y Damborearena.

La comunidad de Cerro Pelado remonta sus orígenes al año 1868 con el nombre de Pueblo Segarra, este nombre es dado debido al propietario de una firma de la estancia que se encontraba en la zona. La misma tenía como gran característica un almacén que vendía varias cosas a las personas que pasaban por la zona. Esta se ubicaba en las inmediaciones de la actual comunidad de Cerro Pelado.

Debido a las condiciones de la zona y el pleno auge de la revolución lanar en el país, se dedicaba a la cría de ganado vacuno y en especial a la de ganado ovino, la cual fue muy aprovechada por los inmigrantes que habitaban en esa época , siendo bien vista en especial por vascos e italianos. Este contexto favoreció a países como Argentina y Uruguay, ya que “Poco a poco nos comenzábamos a insertar en la economía mundial porque poseíamos un producto que las potencias necesitaban: lana” (Borges, 2010, pag234).

Aprovechan a practicar en este territorio las costumbres de su tierra natal, donde tuvieron facilidad con el manejo del ganado. *“En las zonas serranas del país, abundante en piedra suelta, se dio comienzo a los cercos de piedra en seco. Los que existen en los departamentos de Lavalleja, Rio Negro, Paysandú, Artigas, Tacuarembó, etc, fueron levantados por comparsas de vascos o italianos, en fecha posterior a la Guerra Grande”* (Barrios Pintos, 1990, p. 203).

Estos estancieros inmigrantes fueron arribando al Pueblo Segarra, formando poco a poco un poblado compartiendo intereses en común que los llevara a formar una organización para poder subsistir en el medio rural. Cabe destacar que “en el departamento de Rivera el latifundio ganadero está íntimamente vinculado a las actividades del contrabando. Aquí la ganadería y el contrabando son dos actividades que se estimulan mutuamente” (Olintho Simoes y otros, 1970, pág. 29).

El inmigrante se destacaba por sus ideas innovadoras, su espíritu emprendedor, sus prácticas eficaces y su ardua labor. El factor de la pradera, el clima y la ubicación geográfica facilitaron que los inmigrantes se desarrollaran con total normalidad al igual que en sus lugares de origen. Por lo general se dedicaban a la actividad agrícola, ganadera y también algunos oficios como carpintería, albañilería y alguna otra actividad en la cual había una gran demanda de mano de obra.

Recién el censo levantado en 1900 pone de manifiesto la riqueza ganadera del departamento de Rivera, 534.213 cabezas de ganado, existentes en 729 predios, en una superficie de 656.691 hectáreas. Gran parte de la tierra había pasado a ser explotada por los orientales aunque predominaban los brasileños. (Barrios Pintos, 1990).

En cuanto a la producción de lana y su rendimiento medio, Rivera tenía 207.236 cabezas de ganado lanar y su producción de lana era de 276.641 kilos, la más baja del país de los departamentos del interior exceptuando Canelones. El rendimiento medio era de 1 kilogramo 334, la más baja del interior del país. (Barrios Pintos, 1990). De esta se puede hipotetizar que la lana podría salir hacia otro lado y no hacia Montevideo, quedando fuera de los registros nacionales.

Según Barrios Pintos (1990) Rivera fue una de los lugares donde la producción ganadera abastecía los saladeros fronterizos en Rio Grande del Sur. Estos saladeros eran de propiedad de uruguayos, esto evitaba vender con altos impuestos hacia el sur. También la demanda brasileña de tasajo era importante y el estado de Rio Grande no conseguía abastecer totalmente. Se exportaba 200.000 cabezas de ganado al año hacia dicho estado brasileño, sin embargo en los despachos de aduana había entre 50.000 y 60.000 cabezas al año.

Los censos no demostraban con claridad la forma de tenencia de la tierra. “El de 1900 estimó que un 37,7% de todos los hacendados del país eran arrendatarios (...)” (Barran y Nahum. 1973. p. 15). Bonfanti (2013) señala en su trabajo que a principios del siglo XX, en la localidad de Manga existían propietarios por ocupación. Estos propietarios

son emigrantes y se dedican a la agricultura. En el Norte del Río Negro, al haber menos control, era moneda corriente.

En ese entonces existían una gran cantidad de saladeros en la zona, estos eran abastecidos por ganados riverenses como también daban trabajo a estos. En Livramento, se mataban en 1912 162,421 cabezas al año para el charque, luego disminuyó debido a que la carne se la enlataba. (Barrios Pintos, 1990).

El censo agropecuario riverense de 1908 arrojó los siguientes datos para el departamento de Rivera: bovinos 500.000, ovinos 667.105, equinos 34, asnales 289, mulares 947, porcinos 7.003, caprinos 2897, avestruces 5794, aves de corral 88,315. En el departamento de Rivera existían en 1908, 298 establecimientos, de los cuales 250 eran mercantiles, 40 industriales y 8 mixtos (Barrios Pintos, 1990, p, 70).

Los datos censales de ese año arrojan una gran concentración de tierra en manos de pocos propietarios, lo que verifica el predominio del latifundio en el departamento. Estos latifundios en su generalidad forman parte de la economía extensiva que caracteriza a los establecimientos de América Latina.

Esta condición de frontera abierta o de difícil control permite desde hace muchísimo tiempo la difusión del contrabando. Podríamos afirmar que se hablaría de “hábiles del desacuerdo” (Sampayo y otros, 2016).

## LA COMUNIDAD A PARTIR DEL COOPERATIVISMO

Según la definición de la Alianza Cooperativa Internacional en su declaratoria podemos afirmar que una cooperativa es *“una asociación autónoma de personas que se han unido voluntariamente para satisfacer sus necesidades y aspiraciones económicas, sociales y culturales comunes, por medio de una empresa de propiedad conjunta y democráticamente gestionada”*.( Ressel, A et al,2013, pag 15-16).

A partir de la definición anterior podemos visualizar el carácter autónomo de la cooperativa, la cual podrá tomar sus decisiones y responder por ella misma. También un factor importante será el valor humano que se necesitará para crear dicha organización de forma voluntaria, para lograr sus objetivos con la participación de sus interesados.

“Rochdale fue una muestra de la capacidad organizativa de la clase trabajadora, un ejemplo histórico que marcó el camino del cooperativismo mundial y que demostró la factibilidad de la cooperación desde el punto de vista económico y social” ( Rivera,C y Labrador, O,2013, s/n). Esta experiencia contagió a demás países de Europa que tomaron como ejemplo a la misma, llegando también a América. Estas ideas de cooperativismo llegan al continente americano con las oleadas inmigratorias del siglo XIX y principios del siglo XX.

En la Región platense esta inmigración fue masiva, llegando poco a poco a tener

un lugar de privilegio el inmigrante. Este estereotipo de individuo llegó a ser mas que bienvenido en la época de modernización uruguaya, estimada por la mayoría de autores de 1860 hasta la primera década del siglo XX. En Uruguay, “Vale mencionar que la doctrina cooperativa llega a nuestro país, mediante las oleadas de inmigrantes de aquellos días, los cuales impulsaron diversas organizaciones colectivas.”(Bertullo, J, et all, s/f, pag 5)

De esta manera las organizaciones cooperativas comienzan a desarrollarse en el Uruguay a finales del siglo XIX , en particular a zonas cercanas a la costa (llegada de inmigrantes) y luego se esparcirán por el resto del país en los años siguientes. El caso de Cerro Pelado tiene como punta pie inicial el Sindicato Agrícola Cristiano en la década de 1940, donde sus integrantes tratarán de enfrentar los problemas del agro y sobrevivir arraigados a la tierra propia.

Don Miguel Berruti llega en 1867, oriundo de Génova, Italia, se traslada de Montevideo hacia el arroyo Corrales más precisamente al paraje Tres Puentes. Se dedicó al comercio y a la ganadería, en el establecimiento “San Miguel”. Su hijo Tomás siguió la actividad siendo electo comisario del pueblo. (Barrios Pintos, 1962).

Allí se consolidarán en el territorio apropiándose del mismo. *“La existencia del territorio implica dominio y control- territorialidad - que supone además la idea y sentido de pertenencia y por lo tanto incluye los aspectos jurídicos, sociales, culturales y de apropiación subjetiva sobre el mismo. En el territorio el grupo humano proyecta sus estructuras, sus necesidades y su cultura”* (Palermo,E. en Da Rosa, E, 2015,pág74)

A partir de esto ,los individuos se agruparan para poder proyectar sus estructuras, contemplar sus necesidades y poder desarrollarse en la tierra que los acogió, generando un gran sentido de pertenencia que perdurara en el legado de las familias hasta la actualidad.

En general los autores sostienen como un pre cooperativismo en Uruguay a la etapa de 1870 a 1889, donde aparecen Sociedades y Círculos de ayuda mutua, “pero es en 1889 que se reconoce la primer cooperativa de consumo fundada en la “Ciudad Vieja” de Montevideo por el señor Cándido Róbido” (Bertullo, j et all, s/f, pag 5).

En esos primeros años de cooperativas en el Uruguay debemos mencionar a la Cooperativa obrera tipográfica en Montevideo, Cooperativa obrera de consumo del frigorífico Liebig's en Fray Bentos. Cooperativa de consumo de los obreros textiles en Juan Lacaze. Conjuntamente se desarrollarán las cajas populares y los sindicatos cristianos agrícolas, los últimos tendrán una representación en el norte del país, precisamente en los antecedentes cooperativos de la comunidad de Cerro Pelado.

En el año 1947, precisamente en Cerro Pelado al Este *“localidad ubicada en los límites de lo que también geográficamente se define como la cuenca del Arroyo Yaguarí. Pequeño caserío supo en el pasado congrega mucho más gente, realidad que no es ajena a ninguna otra en este mundo de casi muerte del campesinado.”* (Gau de Mello, A,et all,2015, pag12) , el “Sindicato Agrícola Cristiano”.

Los estatutos fueron escritos por Pedro Metilli.” ( Archivo proporcionado por Verónica Piovenne).

A partir de este dato proporcionado por un informante clave de la comunidad de Cerro Pelado, es que encontramos la primer antecedente de cooperativa en el poblado . Por lo tanto debemos remitirnos a lo que fueron los sindicatos agrícolas cristianos, los cuales aparecen de mano de la iglesia católica para ayudar a la población rural.

*“La inspiración que orienta la creación de los sindicatos agrícolas cristianos procede, como todo el movimiento social católico de la época, de la Rerum Novarum que había repercutido fuertemente en el Uruguay a través de Mons. Soler. Pero la forma específica de acción, en este caso, toma su modelo más próximo en el Boerembond belga, movimiento nacido en 1890 y que entonces estaba en pleno auge.”* (Terra, J;1986,pag106)

Este movimiento católico tenía una importante función social como lo fue agrupar a los distintos individuos que se dedicaran a una misma actividad para que pudieran sobrellevar las situaciones adversas que estuvieren pasando. Estas agremiaciones tienen un profundo carácter religioso y moral inculcado por la propia iglesia para llevar adelante las actividades de las mismas.

En el ámbito urbano la encargada de llevar adelante esta iniciativa fue la Unión Democrática Cristiana y en el ámbito rural la iglesia católica, en especial por la Unión Económica. A partir de esto podemos apreciar la influencia del religioso católico Domingo Aniceto Lor, el cual fue el promotor del sindicato cristiano agrícola en Cerro Pelado en 1947.

Dentro de los hallazgos obtenidos sobre el sindicalismo en Cerro Pelado, se encuentra una primera producción agrícola, la cual se destaca la importación de semillas de papa mediante la iglesia desde Canadá. El departamento riverense siempre se destacó por su producción agropecuaria más que la agrícola, por lo cual la labranza de las tierras en forma separada por los propietarios no fue demasiado rentable.

Estos sindicatos podían “tomar a su cargo, entre otras cosas el estudio y defensa de los intereses rurales, la comercialización, la enseñanza agrícola, la creación y administración de sociedades de producción y venta y de cajas de socorros mutuos, de retiros y de seguros” (Terra, J;1986,pag46)

Poco a poco esta unión de vecinos para poder subsistir en el medio rural fue consolidándose gracias a ciertos liderazgos, pero también en base a una organización donde lo primordial era la cooperación. A mediados del siglo XX, sucesos internacionales tendrán fuertes repercusiones, principalmente la inactividad bélica de los compradores agropecuarios uruguayos. Por lo tanto las exportaciones disminuyeron y el principal rubro de producción ( agropecuario) se vio afectado. La situación motivó a crear en todo el país el movimiento ruralista impulsado por Benito Nardone. Rivera y mucho menos Cerro Pelado se quedaron afuera, Tomasito Berruti fue su representante.

*“Lo más relevante que ocurría por entonces era que los cambios en el marco externo, ya visibles en la posguerra pero que se acrecentaron fuertemente en los 50, ponían en entredicho el sustento del modelo de sustitución de importaciones implementado en décadas anteriores. Al estancamiento agropecuario, que ya venía de la crisis de los 30, se le sumaba el colapso de una industrialización mercadointernista” (Caetano y otros, 2016, pág 48)*

Esta situación del agro generó fuertes preocupaciones, ya que la gran entrada de divisas gracias a ese sector se estaba viendo afectada. A mediados de siglo el descontento de la población rural se verá plasmado en organizaciones pertenecientes al “Movimiento Ruralista” impulsado por Benito Nardone (Chico Tazo). El agitador político, contrario a las clases altas rurales “(...)” convocó, en el Ateneo de Montevideo, un congreso de agremiaciones rurales. Se celebró el 25 de Agosto de 1951, y las 122 entidades allí representadas convinieron en constituir la Liga Federal de Acción Ruralista (...)” (Maiztegui, 2015, pag 82)

Poco a poco fue ganando adhesiones en todo el país, principalmente en el interior del Uruguay, donde la actividad agropecuaria se veía más afectada con la situación y las políticas adoptadas por el gobierno nacional. Inspirados por las luchas de independencia, con un gran sentido tradicionalista, adoptaron su propia bandera y se reunían en lo que denominaban Cabildos Abiertos.

Al norte del Rio negro, el primer Cabildo Abierto fue impulsado por Tomasito Berruti

*“De espíritu muy inquieto y siempre volcado al bien de todos funda durante estos años en Tres Puentes, junto con otros jóvenes de la zona, la primera agrupación de la Juventud Ruralista en el interior del país, de la cual fue presidente, participando dentro de esta agremiación de Cabildos Abiertos que funcionaron en la ciudad de Rivera convocados por Benito Nardone “Chicotazo”. La finalidad de esta agremiación era promover el desarrollo rural en la zona. Los jóvenes ruralistas se reunían para ver las necesidades regionales y buscar posibles soluciones. Además organizaban fiestas criollas para la reunión y confraternización evitando el aislamiento común en la campaña.” (Archivo proporcionado por Juliana Berruti)*

A mitad del siglo XX en el departamento de Rivera existían 3.810 predios rurales, que ocupaban 906.711 hectáreas. De esa cantidad 2.318 eran propietarios, 843 arrendatarios, 48 medianeros, 233 ocupantes y 17 se encontraban en otras formas de tenencia de tierra. Podemos afirmar que en plena segunda mitad del siglo xx todavía existían ocupantes y otras formas de tenencia de la tierra.

Tomasito, hijo de Plinio Berruti y Maria Pellegrino, tuvo 7 hermanos y siempre se destacó por su gran liderazgo como también por su solidaridad. Muy preocupado por su entorno en el medio rural, funda una capilla en Tres Puentes la cual se denominara San Miguel, posteriormente funcionará una escuela y centro médico (Archivo proporcionado por Juliana Berruti).

Lo mencionado anteriormente, tanto el liderazgo como las necesidades del medio rural convocarán a un grupo de vecinos de la zona de Cerro Pelado a formar un grupo para poder subsistir junto a sus tierras. El grupo se denominará “El Fogón” , tendrán sus

reuniones en “La orientala” (Hogar de Tomasito Berruti) y se concretará precisamente en el año 1957.”En síntesis, es esa una forma de señalar el retraso económico y social de una zona” (Wettstein,G y Rudolf, J;1969;pág29).

Estaba compuesto por 15 integrantes, “chacreros, productores agropecuarios, trabajadores rurales, tres técnicos agrarios, una maestra rural, un funcionario de sanidad rural del Ministerio de Ganadería y Agricultura y un funcionario de Antel (Guardahilos)” (Archivo proporcionado por Guillermo Berruti). Este grupo de vecinos se ve duramente afectado en el medio rural, en los cuales hay diversos factores que inciden como el estancamiento ganadero, el crecimiento del latifundio, la incorporación de nuevas tecnologías, la carencia de servicios en el entorno, los altos costos de producción y lleva a una gran cantidad de individuos a emigrar hacia la ciudad en busca de una vida mejor.

*“puede apreciarse en toda su gravedad la incidencia de este fenómeno en nuestro departamento; la población agrícola disminuye en forma constante, pero los trabajadores rurales se han reducido a la mitad en los diez años que van desde 1956 a 1966. La disminución de la población trabajadora rural ha alcanzado cifras alarmantes en todo el país, pero la situación en el departamento de Rivera es la más grave”(Olintho, L ,et all;1970, pag 27)*

A partir de este contexto es que comienzan a ser asesorados por el religioso Paul Ramlot (Domínico francés) y posteriormente por el Centro Latinoamericano de Economía Humana (CLAEH). En conjunto con el Instituto de Promoción Rural Uruguayo realizan un relevamiento de la zona con el objetivo de obtener datos sobre las necesidades y como poder actuar sobre ellas para lograr una mejor. Claramente se buscaba la vida digna y autonomía de los individuos, concientizándolos, llegando a una fraternidad solidaria y un espíritu cooperativista para enfrentar los problemas del medio rural.

“Contarán con la donación de 45 hectáreas por parte de un estanciero vecino, y el apoyo del entonces obispo de Tacuarembó, Mons. Carlos Partelli, para la solicitud, al extranjero, de fondos con que financiar el proyecto, los que lamentablemente no obtuvieron “ (Archivo proporcionado por Guillermo Berruti). Poco a poco comienza a gestarse nuevamente el espíritu cooperativista que comienza a concretarse; en un principio envían miembros a capacitarse sobre el sistema cooperativista en Uruguay, además constituyeron brigadas de voluntarios para construir el futuro local de la Cooperativa de Consumo y comercialización y la escuela primaria.

En el año 1964 se funda la Cooperativa “Mi Rancho”, “cuenta con 155 socios y dispone de dos galpones en un predio sobre ruta 27” (INPROA, 1965,Pág4). Esta realización es de gran importancia ya que se ubica en el medio rural y está compuesta por la población que allí reside. Su inauguración fue con una gran fiesta donde convocó a negros y blancos conjuntamente, algo muy poco visto en la sociedad conservadora.

El artículo primero de su estatuto dice “con el nombre de Cooperativa Agropecuaria Limitada Mi Rancho, con la sigla CALMIRA, constituyese en Sociedad Cooperativa que se registrá por los presentes estatutos y por las leyes y reglamentos pertinentes”. Este artículo

se encuentra en la constitución y denominación de la Cooperativa como persona jurídica legal.

El libro de actas en su primera hoja da a conocer el acta de constitución de la cooperativa siendo “ *En Cerro Pelado, 6° sección judicial y policial de del departamento de Rivera, siendo las 14 horas del día 17 del mes de mayo del año 1964, se reúnen las personas cuya nómina y firmas figuran adjuntas a esta acta, con el propósito de dejar constituida una sociedad cooperativa agropecuaria limitada encargada dentro de los preceptos de la ley n°10.008 del 5 de abril de 1941 y su decreto reglamentario de Julio 16 de 1941(...)*” (Extraído del libro de actas n° 1 de la Cooperativa Agropecuaria Limitada Mi Rancho)

La asamblea designa como mesa directiva a los señores Tomas berruti y Antonio Curbelo, la mesa receptora de votos estará integrada por Domingo Techeira, Pablo Mendez y Ariel Pintos. La comisión directiva tendrá en sus filas a Antenor Romero, Raúl Berruti, Tomás Berruti, Conciel Viera y Ruben Machado. Los suplentes serán Pedro Dos Santos, Toribio Turcatti, Washington Pereda, Ary Martinez y Julio Nui.

La comisión fiscal estará integrada por Walter de Torres, Juan Manuel Erramún y Pedro Madruga, sus suplentes serán Artigas Berruti, Gabriel Turcatti y Domingo Techeira. Se designa para firmar el acta al señor Plinio Berruti y Hector Peña. Se designa a Washington Fernandez y Maria Elcira Pellegrino para gestionar los trámites de la personería jurídica de la Cooperativa.

La Cooperativa tuvo su impacto fuertemente en la comunidad como en las zonas aledañas al poblado, “*incidió tanto en el sistema de abastecimiento de la zona que, poco a poco, llega a ocasionar el desaparecimiento de los almacenes importantes de la misma. Igualmente actuó fuertemente en la comercialización de los productos agrícolas, lanas y cueros de los pequeños y medianos productores*” (Archivo proporcionado por Guillermo Berruti)

Un símbolo de esta cooperativa fue el Galpón donde fue, es y será sede de muchos eventos y reuniones por parte de la comunidad. La obra parece ser inspirada en los trabajos de Eladio Dieste, lo cual algunas de las fuentes le adjudican a este una relación con Tomas Berruti el cual le habría pedido para realizar los planos. En tanto el 26 de setiembre de 1966 la Cooperativa Mi Rancho , representada por Conciel Viera y Tomasito Berruti, firman con la empresa constructora del señor Agustin Biurra de la ciudad de Rivera el contrato para la construcción del Galpón.

Concretado el Galpón la Cooperativa crece y crece con todo su esplendor, planifica una gran cantidad de actividades como criollas, concursos, raid, bailes, entre muchas más para recaudar fondos como también para el desarrollo de la comunidad de Cerro Pelado. Por esos mismos años “solicitan a enseñanza primaria la construcción de una escuela consolidada, que unificara las escuelas n°67 de Cerro Pelado al Este, la escuela n°14 del lugar, ambas sin local propio, y la de Tres Puentes, zona vecina sin escuela pública. “

(Archivo proporcionado por Guillermo Berruti)

Luego de prolongado esfuerzo se consigue que MEVIR (Movimiento de erradicación de la vivienda insalubre rural) construya en Cerro Pelado un conjunto de viviendas para sustituir al rancherío local. “Sería el primer plan del departamento y el único a llevarse a cabo en plena campaña fuera de un centro poblado” (Archivo proporcionado por Guillermo Berruti). En un principio la cantidad de viviendas llegarían a 41, pero se concretarían 11 por falta de confianza de los pobladores.

Miembros de la Cooperativa estaban encargados de gestionar y administrar el dinero de las obras de las viviendas, luego de realizarlas se procedió a una gran fiesta donde concurren todos los vecinos, pobladores de parajes cercanos, caballería gaucha y la banda del liceo departamento de la ciudad de Rivera. Los Servicios siguen concretándose en la comunidad y se “obtiene entonces, la instalación de la tan ansiada policlínica de Cerro Pelado, atendida por salud pública, con enfermera permanente, la que funciona hace varios años en una vivienda de MEVIR” (Archivo proporcionado por Guillermo Berruti)

El objetivo en esos años luego de varias reuniones con el Ministerio del Interior y el Poder Judicial era adquirir los servicios tanto de un puesto policial como también de un Juzgado de Paz. *“Tan importantes y necesarios servicios se encontraban en ese entonces en Blanquillos, muy distantes y separados por malos caminos, se le ofrece la donación al Ministerio del Interior y a la Suprema Corte de Justicia, terrenos y locales para que pasaran a integrar el centro comunitario.”* (Archivo proporcionado por Guillermo Berruti)

Claro está el espíritu de la comunidad de ayuda mutua en las circunstancias adversas, no sería gracias al cooperativismo, la solidaridad, la unión y el sentido de pertenencia por la misma que llevaría a que los vecinos hicieran de todo para seguir proyectándose en el medio rural. Este empujón sirvió para concientizarse que ya nada era imposible para los vecinos de la comunidad y poder seguir creciendo.

Al poco tiempo *“se crea una comisión especial, la que visita a todas las escuelas de la región, de la posible área de influencia del futuro centro de enseñanza, consideradas semilleros del mismo. Se obtiene la lista de todos los alumnos de 5to y 6to año. Se visita a todas las familias dando a los padres de los jóvenes toda la información y explicaciones necesarias”* (Archivo proporcionado por Guillermo Berruti).

El nuevo sueño se estaba por cumplir, eran las primeras acciones para concretar el futuro liceo rural de Cerro Pelado. Los planes y divisiones para conseguir estudiantes habían sido cuidadosamente estudiados y con mucho esfuerzo y voluntad salieron a realizar ese trabajo. En su tercer año llega a 150 estudiantes tras el esfuerzo de su segundo director, gran líder scout, Pedro Riera. “Pedro o el Gordo Pedro como le decían, realizó su trabajo basando en pilares del escultismo como lo fueron la solidaridad, tolerancia, trabajo en equipo, autogestión, inteligencias múltiples y el cuidado del medio ambiente donde viven” (Sampayo,J,2018,pág 76).

Las acciones de la cooperativa no pararían por ahí, *“después de haber solicitado a Ute, durante varios años, el acceso a la zona de energía eléctrica, con la que ya contaban Lapuente y Amarillo, se presenta a sus autoridades que asisten a una reunión de la Junta Departamental de Rivera, un proyecto de electrificación rural regional que uniría el Pueblo Las Flores, pasando por Amarillo, Cerro Pelado, Tres Puentes, Ataques, La Calera, con Minas de Corrales, el que a acogido entusiastamente por su entonces director, Dr. Volonté”* (Archivo proporcionado por Guillermo Berruti). Un gran impulsor a destacar fue el señor Antenor Romero y su hijo Jorge.

Posteriormente en comodato con la Intendencia Departamental de Rivera, se logra un hogar estudiantil para los jóvenes que llegan a los centros de enseñanza en Cerro Pelado, pasando allí toda la semana volviendo a sus hogares los fines de semana. Esto posibilitó una mayor concurrencia de estudiantes, como también una reducción de costos en transporte y para las familias.

La Sociedad Fomento de Cerro Pelado consolidó un grupo apícola como también la implementación del programa Uruguay rural, donde las mujeres de la zona también fueron protagonistas. Se logra un fondo para microcréditos, se construye el ruedo y se traen cursos de la Universidad del Trabajo del Uruguay (UTU) como electricidad, sanitaria, cocina.

Conjuntamente con el liceo aparece el Diarío El Chasque y posteriormente Radio El Chasque a cargo de Julio Correa. Se construye local propio para la radio impulsada por el Ministerio de Transporte y Obras Públicas. En la actualidad el Galpón de la Sociedad Fomento de Cerro Pelado es el centro que convoca a los vecinos en un sinnúmero de actividades que promueven el desarrollo y bienestar comunitario. La comisión directiva trabaja incesantemente para seguir obteniendo logros para el poblado y poder subsistir en el medio rural.

## REFERÊNCIAS

BARRÁN, J. NAHUM, B. **Historia rural del Uruguay moderno 1895-1904**: Recuperación y dependencia. Ediciones de la Banda Oriental: Montevideo, Uruguay.1973

BARRIOS, A. **Rivera**. Intendencia Municipal de Rivera. Rivera.1962

BARRIOS, A. **Rivera una historia diferente**. MEC: Montevideo, Uruguay.1990

BERTULLO, J; et all.**El Cooperativismo en Uruguay**. Red Universitaria de las Américas en estudios cooperativos.Universidad de la República. Uruguay.2003

BORGES, L. **Sangre y Barro**. Ediciones de la Plaza: Montevideo, Uruguay.2010

BONFANTI, D. **Propiedad legal y propiedades extralegales en Manga. Ocupantes de hecho y derechos de propiedad en la periferia montevideana a principios del siglo XX**. XIV Congreso Internacional de Historia Agraria.2013

CAETANO,G. et all .**Uruguay . En busca del desarrollo entre el autoritarismo y la democracia.** Tomo III 1930/2010. Editorial Planeta. Montevideo .Uruguay.2016

DA ROSA y otros. **Jodido Bushinshe** del hablar al ser proceso de postulación del Portuñol como Patrimonio Cultural Inmaterial. MEC: Montevideo, Uruguay.2016

GAU DE MELLO, A et all. **Yaguarí...lugar y tiempo de una vida mas ancha que la Historia.**Fonfos Concursables Ministerio Educación y Cultura. Puntograph. Rivera. Uruguay.2015

HALPERIN DONGHI, T . **Historia Contemporánea de América Latina.** Editorial Alianza. Madrid. España.2005

INPROA. **Estudio socio económico en tres áreas rurales del Uruguay.** Mimeografía Aurora. Montevideo. Uruguay.1965

MAIZTEGUI, L . **Caudillos y doctores.** Tomo X. Editorial Planeta. Montevideo. Uruguay.2015

OLINTO, L y otros. **Rivera.** Nuestra Tierra: Montevideo, Uruguay.1970

RESSEL, Et all. **Manual teórico práctico de introducción al cooperativismo.** Universidad Nacional de la Plata. Argentina.2013

RIVERA,C y LABRADOR, O .**Bases teóricas y metodológicas de la cooperación y el cooperativismo.** Revista Cooperativismo y Desarrollo vol1 .nº2.2013

SAMPAYO, J et all .**Los Hábiles del desacuerdo.** Revista latinoamericana de estudios en cultura e sociedade.v02.2016

SAMPAYO.J. **50 Años Asociación Scout del Norte.** Imprenta Imprimex. Canelones.2018

TERRA, J. **Proceso y significado del cooperativismo uruguayo. Comisión Económica para America Latina y El Caribe.** Arca-Banda Oriental. Montevideo. Uruguay. 1986

WESTTSEIN, G. RUDOLF, J. **La sociedad rural.** Nuestra Tierra: Montevideo.1969

Estatuto de funcionamiento de la Cooperativa Agropecuaria Limitada Mi Rancho

Libro de actas nº 1 de la Cooperativa Agropecuaria Limitada Mi Rancho

Contrato de arrendamiento de la Cooperativa Agropecuaria Limitada Mi Rancho

Archivo proporcionado por Guillermo Berruti

Archivo proporcionado por Juliana Berruti

Archivo proporcionado por Verónica Piovone

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Administração 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 103, 146, 163, 201

Afrocentricidade 87

Aldeamentos 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32

Analogia sabática 33, 34, 35

### C

Campo religioso 57, 58

Candomblé 58, 65, 70, 71, 72, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 93, 97

Caudilhos 113, 120

Colonialidade 21, 70, 72, 73, 75, 76, 79, 80, 83, 84, 85

Cristo 33, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 62

### D

Decolonialidade 70, 72, 73, 79, 84

Discursos políticos 124

Diversidade 30, 49, 57, 77, 79, 82, 83, 96, 97, 146, 151, 153, 155, 161, 178, 198

### E

Educação 1, 14, 20, 33, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 77, 78, 84, 87, 95, 97, 164, 174, 175, 176, 177, 178, 181, 187, 188, 189, 201

Educação Histórica 45, 49, 174, 175, 176, 178, 181, 187, 188

Ensino de História 45, 56, 188, 189, 198

Ensino religioso 45, 46, 47, 50, 52, 53, 54, 55

Eric Hobsbawm 136, 137

Escravidão 22, 23, 24, 28, 29, 30

### F

Força 22, 28, 29, 46, 50, 54, 57, 59, 77, 90, 102, 110, 125, 141, 180, 184, 187

Fronteiras 78, 79, 83, 112, 113, 115, 122, 131, 133, 134, 188, 195

### G

Governo 17, 18, 26, 58, 59, 124, 125, 126, 130, 131, 180, 183, 184, 185

Guerra 2, 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 27, 47, 48, 59, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 127, 131, 133, 134, 150, 156

## H

História da América Latina 13

História do Tempo Presente 13, 79

## I

Identidade 14, 15, 16, 19, 20, 22, 30, 31, 50, 52, 76, 80, 91, 93, 109, 113, 115, 122, 138, 143, 144, 165, 168, 192, 195, 199

Ideologia 48, 50, 136, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145

Indígena 13, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 96, 165, 166, 171

Irmandades 63, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 107, 108, 112

## J

Jogos de Escalas 98, 101

## M

Machado de Assis 57, 58, 67

Movimentos Sociais 13, 21, 73, 103

## N

Nação 16, 19, 35, 89, 110, 122, 128, 129, 136, 138, 142, 143, 151, 196, 199

Nacionalismos 136, 142

Negras 65, 72, 87, 93, 94, 97, 98, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 111

## P

Província 113, 114, 118

## R

Religiosidades 53, 57, 67, 86, 90

Republicanos liberais 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 135

## S

Sábado 33, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 148

## T

Território 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 91, 104, 119, 125, 167, 193

Tradição inventada 136, 137, 142

Transgeracionalidade 87, 92

## Z

Zapatismo 13

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**